

TWO OUT OF THREE AIN'T BAD. O RESGATE DE TRÊS LIVRES PENSADORES/ AS (DUAS MULHERES NUM MUNDO DE HOMENS) 110 ANOS DEPOIS DO CENTENÁRIO DO CONGRESSO DE LISBOA - 1913-1932-2023

TWO OUT OF THREE AIN'T BAD. RESCUING THREE FREE THINKERS (TWO WOMEN IN A MAN'S WORLD)
110 YEARS AFTER THE CENTENARY OF LISBON CONGRESS – 1913-1932-2023

RESUMO

Trazer ao grande público um documento não significa o mesmo através dos tempos. A cada período da marcha da humanidade, a tecnologia foi influenciando o modo social e cultural. Os momentos tecnológicos determinam também o modo e o tempo do encontro e da divulgação. A presente reflexão é motivada pela constatação prática de um novo paradigma tecnológico digital e, por outro lado, a apresentação de um ensaio que interliga educação e cultura, destacando a importância de recuperar a vida e obra de duas mulheres/protagonistas num mundo de homens. Arquivado em suporte físico, o texto permanecia desconhecido, cabendo aqui resgatá-lo e apresentá-lo, refletindo em torno quer do seu conteúdo, quer do contexto e das *personas* a ele ligadas, tendo como palco o XVII Congresso Internacional do Livre-Pensamento, organizado em Lisboa, em outubro de 1913, no ano em que passa uma década do seu centenário, e celebra-se também a relevância de se resgatar o protagonismo de duas mulheres num universo fortemente marcado pelo masculino.

Palavras-chave: Ida Altmann-Bronn; Eugène Hins; Maria Clara Correia Alves; educação; XVII Congresso Internacional do Livre-Pensamento.

ABSTRACT

Bringing a document to the general public does not mean the same thing over time. With each period of the march of humanity, technology determined the social and cultural modes. Technological moments determine the mode and time of findings and dissemination. This reflection is motivated by the practical observation of the new digital technological paradigm and, on the other hand, the presentation of a document that links education and culture. Archived on a physical media, it remained unknown, and it is up to you to retrieve and present it, reflecting around both its content and the context and the *personas* connected to it, taken place during the XVII International free-thinkers Congress, held in Lisbon, October in 1913, ten years past its centenary's

Isabel Lousada

Investigadora Auxiliar da NOVA FCSH – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigadora integrada do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CISNOVA), da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7652-8544>. E-mail: isabel.lousada@fcs.unl.pt

Vanda de Sousa

Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7237-0620>. E-mail: vsousa@escs.ipl.pt

celebration to be held and rescuing the work and lives of two outstanding women in a «man's world».

Keywords: Ida Altmann-Bronn; Eugène Hins; Maria Clara Correia Alves; education; XVII International free-thinkers Congress.

No princípio era (é, será) o “Verbo”:¹

Quando fizermos de um homem um livre pensador, pouco nos deve inquietar a forma como ele haja de conduzir-se em política, pois podemos estar certos de que ele marchará direito e pleno pelo bom caminho. Poderá enganar-se hoje ou errar amanhã, mas a sua tendência será sempre para o bem. (...) (Luís Gonçalves Vaz).

A atual revolução tecnológica deu origem a um novo paradigma comunicacional, social e cultural, descrito por Castells (2002, 2004, 2018) como uma “sociedade em rede”, na qual germinam a “cibercultura” (LÉVY, 2001) e a “cultura participativa” (JENKINS *et al.*, 2016), alterando a capacidade e o modo como os indivíduos atuam social e culturalmente; nesse sentido, é importante garantir a democratização do acesso aos mais recentes meios de busca, armazenamento, gestão e partilha de informação, tendo em vista a construção de uma sociedade equitativa que nos resgata, definitivamente, da linearidade do texto comprovada pela era tipográfica reconhecida por McLhuan (1972, p. 161)², projetando-nos para a não linearidade tal como Nelson (1996)³ a definiu e Castells confirmou (2004, p. 11)⁴. Revendo-nos no novo paradigma comunicacional e informacional, muito distante daquele que regia, em 1913, o texto que trataremos aqui (*Regras de conduta para os filhos dos Livre-Pensadores*), convocamos ao trabalho num ambiente colaborativo; por outro lado, conscientes de que a Informação

¹ Todas as figuras apresentadas foram obtidas por fotografia de fotocópias legitimamente cedidas pelo Arquivo de História Social (AHS) em 2009/2010, ou se encontram nos sítios ou acervos dos próprios periódicos, folhetos ou documentos apresentados na pesquisa.

² McLhuan defende: “Esse, portanto, é o grande paradoxo da era de Gutenberg; o seu aparente ativismo somente é cinemático no sentido estrito de cinematográfico. É uma série uniforme de instantâneos estáticos ou ‘pontos de vista’ em ligação homogênea. A homogeneização de homens e materiais passará a ser o grande programa da era de Gutenberg, a fonte de riqueza e poder desconhecidos de qualquer outro tempo ou tecnologia” (1972, p. 161).

³ E como Castells faz notar: “Este livro teve a sua origem nas aulas de Administração de Empresas que lecionei na Universidade de Oxford em 2000. [...] Estou em profunda dívida intelectual com vários colegas que leram e comentaram sucessivas versões de capítulos desta obra, proporcionando-me novo material, corrigindo erros, sugerindo interpretações e, em última instância, transformando a sua forma e o seu conteúdo substancialmente. Muitos empenharam-se tanto na sua colaboração que é possível dizer que este livro foi produzido por uma rede de investigadores e especialistas a trabalhar em cooperação no mais puro estilo de ‘fonte aberta’ (“*open source*”) que caracteriza o mundo da Internet.” (2004, p. 12).

⁴ Porque acreditamos que: “[...] a interação intelectual e crítica construtiva têm representado uma contribuição preciosa para o desenvolvimento de meu trabalho há mais de vinte anos, ajudando-me em situações aparentemente sem saída e sempre me lembrando que livros são feitos para comunicar ideias, e não para imprimir palavras” (CASTELLS, 1999, p. 32-33).

é Poder, revemo-nos numa política cultural plural e em fonte aberta construtura também de uma nova ordem no plano da Identidade, enfatizando o papel da mulher na transformação social e cultural:

[...]. A Era da Informação foi ancorada na contradição dinâmica entre a Rede e o Ser como um princípio organizador da nova paisagem histórica. A ascensão da sociedade em rede e o poder crescente da identidade são os processos sociais interligados que conjuntamente definem a globalização, a geopolítica e a transformação social no início do século XXI. [...]. Além disso, a revolta das nações oprimidas ao redor do mundo, a conquista de governos por parte de movimentos indígenas na América Latina, a importância crescente de movimentos religiosos como fontes de desafio social e de mudança social, o enraizamento da democracia na identidade territorial, a afirmação da especificidade dos valores das mulheres, a crítica ao patriarcalismo pelo movimento gay e lésbico e a constituição de novas formas de identidade individual e coletiva, geralmente pelo uso de redes de comunicação eletrônica, mostraram a prevalência dos valores culturais sobre os interesses econômicos estruturalmente determinados na constituição do sentido da ação humana (CASTELLS, 2018, p. 11-12).

Avançamos a nossa proposta, que releva a apresentação de um documento em suporte papel e formato de folheto impresso (convocando a vigência de uma nova era comunicacional e informacional), no qual são protagonistas duas mulheres que o tempo votou ao gradual esquecimento (demonstrando que “ontem”, como “hoje”, já evidenciavam as mulheres um importante papel na construção de uma nova identidade social e cultural que visava romper com a ordem patriarcal⁵). Com a apresentação ao público do documento *Regras de conduta para os filhos dos Livre-Pensadores* (em fonte aberta, “online”, construindo o espaço para a reflexão crítica – da “cibercultura” e da “cultura participativa”) estaremos, então, a abrir espaço ao questionamento em torno da educação e dos caminhos que a sociedade atual vem traçando, e que demonstraremos, têm importantes manifestações no final do século XIX e dealbar do século XX⁶. Igualmente, pela análise crítica das *Regras de conduta para os filhos*

5 “O movimento feminista, manifestado na prática e em diferentes discursos, é extremamente variado. Sua riqueza e profundidade aumentam à medida que analisamos seus contornos sob uma perspectiva global e comparativa, e à medida que historiadores e teóricos feministas desenterram os registros ocultos da resistência feminina e do pensamento feminista.” (CASTELLS, 2018, p. 210).

6 “[...]. Movimentos como este, e muitos outros em todo o mundo, vêm minando a fantasia neoliberal de implantação de uma economia global independente da sociedade por meio de uma arquitetura de informática. O grande esquema exclusivista (explícito ou implícito) de concentração de informações, produção e mercados em um segmento elitizado da população, livrando-se dos demais das mais diversas maneiras, mais ou menos humanistas de acordo com as disposições de cada sociedade, vem desencadeando, na expressão cunhada por Touraine, uma ‘grand refus’ [...]. A competência, ou incompetência do Estado (sic.), em lidar com a lógica conflitante do capitalismo global, dos movimentos sociais com base em identidades [...] serão responsáveis, em grande parte, pelos moldes do futuro da sociedade do século XXI. [...] devemos analisar o recente desenvolvimento de tipos diferentes de influentes movimentos sociais

dos *Livre-Pensadores*, cotejada com outros registros documentais, em particular, periódicos (preservados em microfilme) estaremos capazes de demonstrar que duas mulheres – Ida Altmann-Bronn (1862-1935) e Maria Clara Correia Alves (1869-1948) – e um homem – Eugène Hins (1839-1923) – comungaram um mesmo texto, quando, até agora, a História não os fizeram, ainda, encontrarem-se. Para tal, tomaremos em mãos um trabalho de arqueologia documental que as Humanidades Digitais (“*Digital Humanities*” – DH) permitiram trazer à luz.

Há duas décadas de afirmação, as Humanidades Digitais (HD) são o campo de convergência entre os métodos e ferramentas oriundos das tecnologias digitais, da Teoria da Computação e das Humanidades, sendo a sua abordagem interdisciplinar e transdisciplinar. Daniel Alves defende que as Humanidades Digitais são uma área aglutinadora de diferentes metodologias vindas da Computação e da Informática, colocadas ao serviço das Humanidades (ALVES, 2016, p. 91-103), replicando a posição de Susan Hockey (2004, p. 13,16-17), Jerome McGann, (2004, p. 199) e Nancy Ide, (2004, p. 289-299)⁷.

Deve-se, ainda, aos autores citados acima, a mudança de terminologia de “*Humanities Computing*”(Computação nas Humanidades) para Humanidades Digitais (HD), procurando assim autonomizar a área de investigação do âmbito da simples digitalização – as HD estendem-se para lá da alteração do suporte (do papel ao digital), ainda que essa alteração de suporte seja importante (posto que, digitalizado o documento, este perde a possibilidade da cópia e instaura o original), a área de atuação é mais extensa visando o uso de ferramentas digitais num ato de pesquisa colaborativa (BERRY; FAGERJORD, 2016) ao serviço do ensino e da publicação, impondo, dessa forma, que a palavra impressa perca a primazia na produção e distribuição do conhecimento, instaurando uma nova Era para lá da “Galáxia de Gutenberg” (MCLHUAN, 1972, p. 174).

Se até aqui a tecnologia servia o conhecimento, com a apropriação dos meios digitais por parte das Humanidades, estes passam a servir, mas também a ser criticamente questionados, pelo que se estabelece uma relação biunívoca que possibilita uma alteração exponencial e constante refletida, desde logo, na cunhagem do conceito que vê o seu âmbito sucessivamente ampliado (KLEIN; GOLD, 2016, p. 7), mantendo-se ancorado na computação ainda que o entendimento em torno desta com as Humanidades seja passível de (aparentes) divergências (NYHAN; TERRAS; VANHOUTTE, 2013).

Orlandi, não negando o potencial da computação no desenvolvimento das Humanidades, contrapõe que as Humanidades já eram “computadas” antes mesmo de os computadores existirem (2002, p. 51-8), afirmação contra-argumentada por McCarty (1998) ao defender a computação como uma das mais potentes ferramentas de especulação que leva a repensar todo o Saber. A computação para as Humanidades não é

que, em vez de reativos, podem ser classificados como pró-ativos: o ambientalismo e o feminismo.” (CASTELLS, 2018, p. 136-137).

⁷ Deve-se a John Unsworth, que o teria usado em 2002; mas a sua confirmação, entre a comunidade científica, deve-se à publicação da obra coletiva editada por Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth (2004).

tanto uma questão para ser respondida, mas mais para ser explorada e constantemente redefinida (MCCARTY, 2003, p. 1233), precisamente o que tentaremos fazer neste ensaio. Importante será salientar a lamentável grande disparidade da presença feminina nesses domínios do saber.

As origens das HD remontam ao final da década de 1940, com o trabalho do jesuíta Roberto Busa (1913-2011), em colaboração com a IBM, permitindo a análise dos escritos de São Tomás de Aquino (1225-1323) a partir da criação de uma concordância gerada por computador (*Índice Thomisticus*). O documento que trazemos à colação remonta ao ano de 1930, convocando leituras e intersecções múltiplas das quais adiante procuraremos dar conta.

Nos tempos que se seguiram, quer com a democratização do computador quer com a “*Web 2.0*” que permite ao utilizador tornar-se usuário (colaborativo e em “*crowdsourcing*”), multiplicou-se o investimento das áreas de estudo das Humanidades na ferramenta computacional. Em 1987, surgiu o protocolo padronizado de marcação de texto – “*Text Encoding Initiative*” (TEI) que daria lugar à linguagem de “*tags*” para edição digital – “*Extensible Markup Language*” (XML), abrindo a uma multiplicidade de projetos que partilham os mesmos valores: crítico, teórico, interativo, experimental, multimodal, colaborativo e fonte aberta, e que regem o texto agora em análise, permitindo-nos colocar em perspetiva os anos de 1913, 1932 e 2020.

Do manuscrito ao digital: *Regras de conduta para os filhos dos Livre-Pensadores*

Em face do confinamento, imposto pela pandemia de covid-19, ensaiamos um desafio procurando articular tecnologia e diferentes estratégias de modo a amplificar o conhecimento em torno de uma questão que há muito gostaríamos de ter trazido à luz.

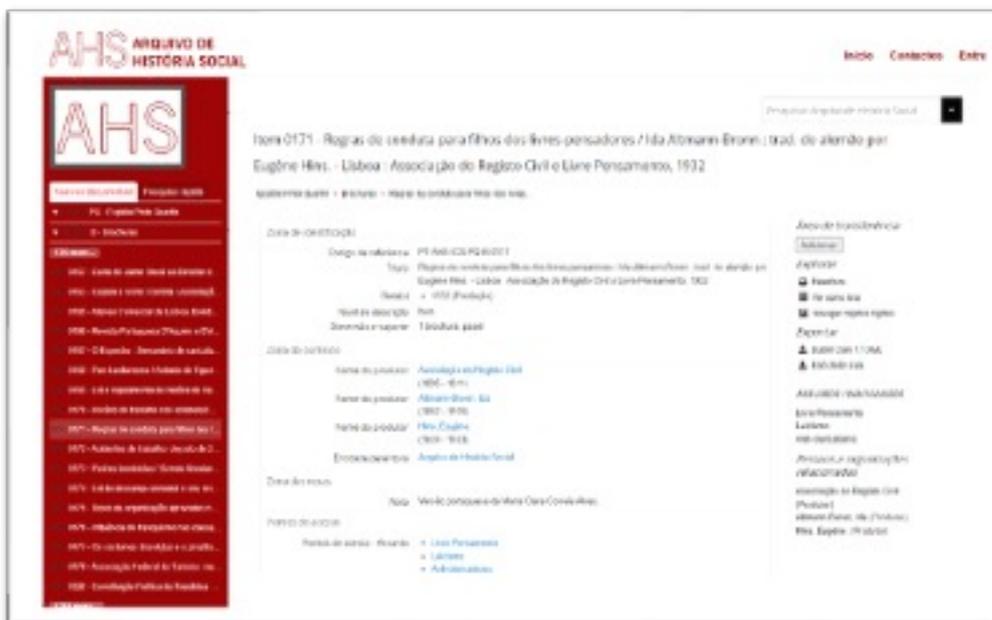
Para tal e lançando mão de uma fotocópia obtida em 2009/10, quando, ao investigar no Arquivo de História Social (AHS)⁸, localizámos um documento em formato de folheto, em suporte papel, que nos despertou curiosidade no tocante à educação e à autora Ida Altmann-Bronn, bem como aos seus tradutores, Eugène Hins e Maria Clara Correia Alves – sobre os quais havia parca e dispersa informação, colocando-nos como desafio desvendar o enigma capaz de clarificar o encontro de três figuras de vulto, cujas vidas e obras vão ser escrutinadas e aqui deverão ser lidas na sua vertente de pensamento e ação. A fotocópia a que nos referimos é proveniente do original que se manteve à guarda do AHS, conforme pudemos constatar.

Em virtude do impedimento do acesso presencial às Bibliotecas e aos Arquivos, “regressamos” ao Arquivo Histórico Social na modalidade possível: consulta “*online*”. Assim, pudemos localizar a referência ao documento que, apesar de catalogado, não

⁸ Disponível em: <http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/pt-ahs-ics>. Acesso em: 2 ago. 2020.

está em livre acesso, nem encontramos digitalizado em qualquer outro repositório e/ou arquivo que conheçamos, somente a sua descrição na catalogação (Cf. imagens 2 e 3)⁹.

Imagem 1 — Print Screen da entrada no arquivo.



Fonte: Arquivo de História Social (AHS).

Imagem 2 — Print Screen do Arquivo.



Fonte: Arquivo de História Social (AHS).

⁹ Disponível em: <http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/informationobject/browse?topLod=o&query=Altmann&repos=390>. Acesso em: 2 ago. 2020.

Depreendemos, portanto, ser uma passagem do analógico (cópia) para o digital o meio facilitador (imprescindível, no caso presente) para o resgate, estudo e divulgação de conhecimento científico pretendido, recorrendo à fotocópia, que, entretanto, guardamos e podemos desarquivar. Procuramos, por isso, obter a melhor qualidade de imagem possível como fac-símile do folheto Regras de conduta para os filhos dos Livre-Pensadores que agora divulgamos, completando, assim, o ciclo das “camadas editoriais” tal como descrito por Spina (1977, p. 86). Datado de 1932, o opúsculo Regras de Conduta Para os Filhos dos Livres-Pensadores foi editado pela Associação do Registo Civil e Livre Pensamento, tendo dele sido impressos 10 mil exemplares¹⁰. Da autoria de Ida Altmann-Bronn, o documento visava apresentar uma súmula de princípios ligados a um modelo de Educação. O texto conheceu a sua tradução para o português através de Maria Clara Correia Alves, que o traduziu a partir da edição em língua francesa. Esta, por sua vez, foi traduzida do alemão pelo belga Eugène Hins. Temos, assim, três personalidades de relevo que, vivendo em geografias diversas, dificilmente, poder-se-ia pensar que se cruzariam e, menos provavelmente, convivido, mas cujos nomes unem-se por um traço comum sem o qual não nos seria dado compreender o clima intelectual do final do século XIX e da alvorada do século XX: o Livre-Pensamento, um movimento humanista e laico, e por isso defensor da ruptura com os dogmas religiosos (quer católicos quer das igrejas reformadas), da emancipação e promoção do Indivíduo (enquanto sociedade e a nível pessoal) através do conhecimento científico e do trabalho; reconhece-lhe a frequente ligação ao movimento maçônico, mais concretamente ao “Droit Humain” (D.H. Direito Humano), entre nós, o movimento foi determinante na defesa da causa republicana e na separação entre Estado e Igreja (CARVALHO, 2014, p. 699-707). A arqueologia do presente texto, para lá de provar a comunhão de um texto, de um ideário e um encontro presencial em Lisboa, restabelece também, pela autoria feminina deste ensaio, a ponte entre a Europa (Portugal) e o Brasil, fazendo uso das novas ferramentas digitais que promovem a difusão do ideal humanista, de uma conceção de Educação (racionalista) e, acima de tudo, amplificando o conhecimento científico.

Ida Altmann-Bronn, Eugène Hins e Maria Clara Correia Alves – encontros e intersecções pela escrita e pelo pensamento em torno da educação

São figuras que ainda hoje enquadram um viés de cariz cultural, educativo e social relevante. Sumariamente, daremos conta das suas trajetórias, de modo a enquadrar a natureza das tessituras e dos encontros presenciais e virtuais.

Ida Altmann-Bronn tem sido votada ao esquecimento e, contudo, é dela a autoria da redação dos *“Leitsätze für die Kinder von Freidenkern und Freireligiösen”*¹¹

¹⁰ Apesar de não se tratar de um grande volume, a tiragem parece elevada para a época. No caso dos livros, no final dos anos de 1920, a primeira edição teria, em média, uma tiragem de 1.000 exemplares (OLIVEIRA MARQUES, V. A.H. de [coord.], 1991, p. 598-599).

¹¹ No original, em alemão: *“Leitsätze für die Kinder von Freidenkern und Freireligiösen”*. In: SCHMIDT,

(*Princípios da Comunidade Religiosa de Berlim*)¹² em 1895, bem como do opúsculo citado (SCHMIDT, 2016), chegando ela a ser uma das mais influentes Livres-Pensadoras e ativistas do movimento operário do seu tempo.

Filha de uma família de comerciantes judeus da Prússia Oriental, Ida Altmann nasceu e cresceu em Königsberg (atualmente, Kaliningrado, na Rússia) onde realizou os seus estudos numa escola reservada às jovens da elite econômica, tendo prosseguido os estudos na Escola de Professores – o nível mais elevado de educação acessível às mulheres, já que a entrada nas universidades lhes estava vedada.

Em 1871, os acontecimentos políticos tinham conferido àquela região uma geometria variável. Cada vez mais organizados, os Livres-pensadores manifestavam os seus ideais de fraternidade universal que se opunham, claramente, ao crescente surgimento e implantação das ideologias nacionalistas que, não obstante, foram o fator determinante de futuras dissidências no movimento, segundo ressalta Lalouette (2014, p. 119-123).

A década de 1890 é, para ela, de uma atividade fervilhante, pela sua filiação ao Livre-Pensamento. Foi nesse contexto que, em 1895, redigiu as *Regras de conduta para os filhos dos Livres-pensadores*, texto em que se dirigiu diretamente aos jovens, não sem que, nas anotações dedicadas aos adultos, dissesse: “Estas frases querem orientar os nossos filhos de forma correta com vista a viverem uma vida correta, o que não é possível sem raciocinar e sem se sentirem saudáveis” [tradução nossa].

Em 1897, devido ao seu envolvimento com a Comunidade Religiosa de Berlim, Ida Altmann foi impedida de lecionar. Sob apertada vigilância policial, o conselho escolar da província retirou-lhe a licença de ensino, contudo Ida continuou a sua atividade dando aulas a centenas de crianças cujas famílias estavam ligadas à Comunidade, na qual também realizou diversas palestras.

Em 1889, Ida Altmann-Bronn mudou-se para São Petersburgo, tendo trabalhado como professora particular para uma família já sua conhecida de Königsberg, conforme enfatiza Schmidt (2016). É na, então, capital do império russo que Ida Altmann estabelece laços de amizade com o zoólogo e filósofo Ernest Haeckel¹³ (1834-1919), que ampliou largamente o interesse e conhecimento de Ida acerca de uma visão científica do mundo, a partir de uma corrente filosófica marcada pelo monismo. Tendo notícia desse convívio de Ida Altmann com Ernest Kaeckel, não será de estranhar, portanto, que, por ocasião do XVII Congresso dos Livres-pensadores (Lisboa, 1913), tenha sido ela a representante das sociedades Livres-pensadoras monistas da Alemanha, e a quem coube ler uma *carta* de Haeckel, que a pensadora o apresenta como “o maior ardente

Michael, “Zu Unrecht vrgessen. In: *Diesseits.de das Humanistische Magazin*, 15 de outubro de 2016.

12 A Comunidade Religiosa de Berlim era uma associação humanista-ateísta que contestava a influência da religião, favorecendo a Ciência, tida como grande motor do progresso. SCHMIDT, Michael, “Zu Unrecht vrgessen SCHMIDT, Michael, “Zu Unrecht vergessen”. In: *Diesseits.de das Humanistische Magazin*, 15 de outubro de 2016.

13 Proponente dos conceitos de evolução filogenética e ontogenética que ainda hoje se mantêm atuais e travejam a abordagem da antropologia filosófica. Na Alemanha, constituiu-se como um grande divulgador da Teoria da Evolução das Espécies, de Darwin (1809-1882), como uma visão científica do mundo (BISPO, 2009).

evangelizador científico” (VAZ, 2002, p. 69), referindo que “os progressos da ciência conduzem inevitavelmente o Mundo Moderno à Separação da escola das Igrejas, e que a nova concepção do Universo não deve limitar-se à ideologia, mas às práticas que confirmam matéria à sociologia” (VAZ, 2002, p. 70).

Em 1890, as leis antissocialistas de Bismarck (1815-1898) foram revogadas e, com o seu afastamento, cresceu a influência do antigo SAP¹⁴. Nessa época, Ida Altmann regressou a Berlim, vindo a envolver-se nas lutas sindicais e na ação da Comunidade Religiosa de Berlim, no movimento operário feminino. Nesse contexto, Ida Altmann conheceu as ativistas Emma Iher (1857-1911) e Clara Zetkin (1857-1933), envolvendo-se numa rede expressiva aos mais diversos níveis, em particular, na ação sindicalista e feminista. Salientamos que Clara Zetkin se destacou por ter sido a proponente, em 1910, do *Dia Internacional da Mulher*. Assim, constata-se que as principais causas, que coligavam essas figuras, prendiam-se, em primeiro lugar, à Paz, educação, ao sindicalismo e ao feminismo (mormente, na questão dos direitos das mulheres¹⁵). Testemunho disso mesmo é o fato de Emma e Clara terem-se cruzado, em agosto de 1907, em Sttuttgart, na primeira Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, programada para coincidir com o Congresso Socialista Internacional¹⁶. Ida trabalhou como secretária na Sociedade Internacional dos Livres-pensadores entre 1900 e 1912 (SCHMIDT, 2020), ano em que se casa com Jegor Bronn (1870-1932), tendo-se notícia de que o casal se mudou para a Alsácia, à época, sob o domínio germânico e ligada a Lorena, passando para o domínio francês no final da Primeira Guerra Mundial, o que motivou o casal Bronn a regressar a Berlim, onde Ida Altmann-Bronn prossegue a sua atividade de tradutora, mas também de escritora de poesia, literatura infantojuvenil e de textos de caráter ideológico (GROSCHOFF; HORST, 2020), atividade que – apesar da morte do marido em 1932, da ascensão do nazismo ao poder, em 1933, e da entrada em vigor da legislação antijudaica em setembro de 1935 (com a definição da identidade judaica, por disposição jurídica, ao abrigo das Leis de Nuremberg, em particular a Lei da Cidadania do Reich) – não foi interrompida.

A sua atividade como escritora e o caráter dos seus textos, as suas origens judaicas reforçadas pelo casamento com um judeu, deixaram Ida Altmann-Bronn numa posição que, poderíamos julgar fragilizada, quando é sujeita a um interrogatório policial que nada lhe conseguiu imputar, apesar da sua anterior ligação ideológica ao sociólogo social democrata e crítico da Igreja, Adolph Hoffmann (1858-1930), desde

14 Renomeado Partido Social Democrata Alemão (*Sozialdemokratische Partei Deutschlands*, SPD) de tendência marxista, anticlerical e pacifista.

15 “A proposta de Clara Zetkin de criação, em 1910, de um Dia Internacional da Mulher não foi um ato isolado, antes consubstanciou uma preocupação constante na sua ação política em dinamizar as bases organizativas da luta das trabalhadoras, numa época em que, nos países industrializados, especialmente na Alemanha, nos Estados Unidos e na Inglaterra, as mulheres entravam em grande número no trabalho assalariado e emergiam como parte ativa nas lutas do movimento operário contra os salários de miséria e as prolongadas jornadas de trabalho que pesavam sobre homens, mulheres e crianças.” (OMC - Organização das Mulheres Comunistas, 2007).

16 GAIDO E FRENCIA, “A Clean Break”: Clara Zetkin, the socialista women’s movement, and feminism”. (2018).

1890 diretor do jornal *Der Volksbote* na cidade de Zeits, e em cujas páginas escreveu manifestando a sua oposição a uma educação religiosa e no qual acreditamos ter Hoffmann publicado textos de Ida Altmann-Bronn. A nossa dedução baseia-se quer nos estreitos laços ideológicos que os ligavam quer na publicação sequencial dos textos mais emblemáticos de cada uma das personalidades.

Em 1891, ele publicou *Die zehn gebote und die bsitzende Klasse*, ou na versão inglesa *The ten commandments and the rulling class*, que ficou conhecido como “os dez mandamentos de Hoffmann”, salientando-se que, quatro anos após a publicação de Hoffmann, em 1895, foi a vez de Ida Altmann publicar as *Regras de conduta para os filhos dos Livres-pensadores*, a que se seguiu, em 1922, a publicação de uma brochura da autoria de Adolph Hoffmann na qual manifestava a sua oposição a uma educação religiosa e que teve mais de 15 edições, com mais de 100.000 exemplares, tendo o autor assinado sob o pseudônimo J.F.A. Volkmann (GROSCHOPP; HORST, 2020). Nessa mesma época, o Papa Leão XIII publicava a encíclica *Rerum Novarum* (1891); assim, podemos perceber que esses eram tempos conturbados nas relações entre a Igreja e o Estado. Desse modo, demonstra-se que a teia de relações estabelecida entre o final do século XIX e o início do século XX, pela laicidade e pela separação entre Igreja e Estado, assistiu a duros enfrentamentos, mas também despoletou convergências múltiplas, como ilustra o próprio Congresso de 1913, em Lisboa. Note-se que também foi Lisboa a cidade palco para o encontro entre Ida Altmann-Bronn e Hoffmann. Por ocasião do XVII Congresso, Adolph representava a social-democracia de Berlim, tendo afirmado: “é pela educação popular que se mudam as mentalidades” (VAZ, 2002, p. 70).

Ida Altmann-Bronn, que marcou presença no referido congresso, veio a falecer em 30 de novembro de 1935, em Berlim, e da sua memória ficou uma sepultura muito discreta (o que se prende com as próprias ideias que perfilhava, pelo menos de acordo com os sites disponibilizados). Até 2005, quando associações ligadas às causas que Ida abraçou decidem evocar o 70º aniversário do seu falecimento que em Portugal, como no resto do mundo, parece ter sido ignorado. Textos e obras mais recentes reanimam o interesse por aquela que foi uma personalidade importante em terrenos progressistas como a emancipação da Mulher ou os movimentos operários, tendo encontrado nos congressos internacionais do Livre-Pensamento um dos momentos mais altos da sua vida política.

E é precisamente nesses congressos que vamos encontrar um dos dirigentes mais destacados do movimento dos Livres-Pensadores na Bélgica: Eugène Hins (DELIZEE; GORTCHANINA, 2013). Nascido no seio de uma família católica em Molenbeek-Saint-Jean, em 5 de novembro de 1839, nada indicaria que esse professor viria a ser um dos fundadores da Primeira Internacional do Livre-Pensamento. Após concluir os estudos na Universidade Livre de Bruxelas, ponto de atração de intelectuais e de Livres-pensadores, Hins dedicou-se à militância política, até que, vitimado por uma doença ocular grave, optou por se instalar no Brasil durante um ano, quiçá fruto da influência que os estudantes brasileiros exerciam em Bruxelas, para cujas universidades se sentiam atraídos por nelas se divulgar a ideologia dos Livres-pensadores. Dessa temporada resultou uma série de artigos publicados em formato de folhetim (STOLS,

1974, p. 658). De resto, Eugène Hinns, que também assinava com o pseudônimo Hamed, produziu obra vasta e traduziu do grego, do latim, do alemão, do espanhol, do italiano e no português (DELIZEE; GORTCHANINA, 2013, p. 5-7).

Regressado à Europa, casou-se em 1868¹⁷, desenvolve intensa atividade que o leva a contactar com personalidades como Bakunine (1814-1876). Em 1872, de regresso à Bélgica, casado há já dois anos com a russa Maria Iatskévitch (1840-1917), que conheceu em Paris, cruzou as fronteiras da Europa para dar aulas numa escola militar em São Petersburgo. Nesse período, desenvolve um profundo conhecimento da língua e da cultura russas.

Em 1880, Hins foi um dos fundadores da Federação Universal do Livre-Pensamento (depois Federação Internacional). Esse grupo de fundadores inclui personalidades como Wilhelm Liebknecht (1826-1900), cofundador do Partido Social-Democrata alemão, e pai de Karl Liebknecht (1871-1919); o célebre filósofo e sociólogo inglês Herbert Spencer (1820-1903); o deputado Charles Bradlaugh (1833-1891), o deputado britânico cuja defesa do ateísmo marcou a Europa; César De Paepe (1841-1890), o médico e sindicalista belga, figura influente na Federação e nos congressos que se realizarão; o filósofo francês Charles Renouvier (1815-1903). Hins escreveu vários artigos acerca dos congressos para a imprensa mais próxima dos Livres-pensadores e desenvolveu intenso trabalho como tradutor respeitado dos autores russos (DELIZEE; GORTCHANINA, 2013, p. 5-7). Falecido em 1923, já não assiste à Segunda Guerra Mundial e, tampouco, à publicação, em 1932, da versão portuguesa do opúsculo que traduzira do alemão para o francês.

Imagem 3 — Capa e contracapa do Opúsculo.



Fonte: Associação do Registo Civil e Livre-Pensamento.

A tradução portuguesa de *Regras de conduta para os filhos dos Livre-pensadores* coube a Maria Clara Correia Alves (ESTEVES, 2003, p. 79-80). O seu percurso foi o de

¹⁷ Este casamento, em 1868, com Jeanne Brismée, foi fugaz, já que a esposa morre, grávida, de uma hipertrofia cardíaca.

uma mulher envolvida nesse turbilhão de ideias e movimentações do qual, como vimos, Portugal também constitui um palco. A professora, conferencista e jornalista aderiu à propaganda republicana, tornando-se próxima de Ana de Castro Osório (1872-1835) e de Maria Veleda (1871-1955). O laicismo – e o anticlericalismo – constitui, com o feminismo e a educação, as causas da sua vida. Participou nos Congressos Nacionais do Livre Pensamento, em 1908 e 1910, foi uma das promotoras da Associação do Registo Civil e dedicou-se à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Tomou parte na grande manifestação anticlerical de agosto de 1909 (promovida pela Junta Liberal), defendeu a promulgação da Lei do Divórcio, bem como a total laicização das escolas oficiais, e discursou em sessões dos Centros Escolares Republicanos (ESTEVEZ, 2003, p. 79-80).

Maria Clara Correia Alves aderiu à Maçonaria, representando abertamente a Loja Humanidade (filiada à loja francesa *Le Droit Humain*), de que Adelaide Cabete era Grã-Mestre. No período republicano, tornou-se um membro destacado do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (VENTURA, 2016, p. 123-125;146-147), dirigindo a imprensa respectiva, onde assinou vários editoriais. Escreveu um grande número de textos, em periódicos como *Alma Feminina*, *O Comércio do Porto*, *A Mulher e a Criança*, *A Madrugada*, *Vanguarda* (por vezes, sob o pseudônimo de Isabel da Malta). Dos seus textos, destaca-se o opúsculo, de 1916 – *Féminisme (toujours et encore)* –, dedicado «*Aux camarades féministes de tous les pays, avec l'expression de ma solidarité la plus sincère*», documento muito interessante pelo que revela do seu pensamento sobre a Mulher, a Educação e a evolução do movimento feminista em Portugal e é tanto mais interessante pelo fato de nele encontrarmos a sua defesa do voto feminino, contrariando as suas posições antissufragistas iniciais, e por nele se encontrar a intervenção *La Libre Pensée et l'émancipation de la femme*, chamando-se desde logo a atenção para: “*Thèse présentée au XVII Congrès International de la Libre Pensée, tenu à Lisbonne les 4,5,6,7 et 9 Octobre 1913*” (CORREIA ALVES, 1916, p. 20).

Tal como os outros autores e ativistas aqui apresentados, Maria Clara Correia Alves é uma livre-pensadora, uma lutadora e uma autora empenhada. Juntas neste opúsculo (Cf. imagem 4) ora apresentado, as três personalidades – que reúnem tantos traços comuns – representam tendências emancipatórias características do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX.

Imagem 4 — Capa com destaque para os nomes de Ida Altmann-Bronn, Eugène Hins e Maria Clara Correia Alves.

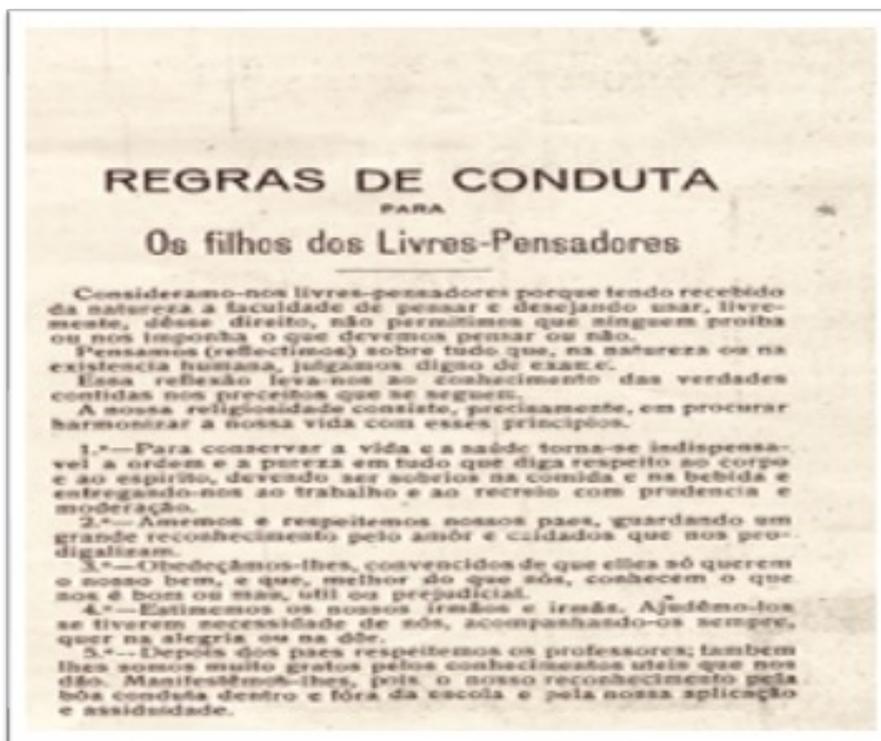


Fonte: Associação do Registo Civil e Livre-Pensamento.

Em primeiro lugar, e reportando-nos à imagem 5, que acima apresentamos com o destaque dos nomes da autora e dos autores da tradução, cabe-nos fazer notar que o texto, publicado em 1932, indica a autoria a Ida Altmann-Bronn, o que nos suscita a questão da datação da tradução do alemão para o francês por Eugène Hins. Sabendo que Ida Altmann se casou no ano de 1912, constatamos que só a partir dessa data os seus textos apropriadamente poderiam ser assinados com o nome composto Altmann-Bronn, pelo que somos impelidos a questionarmo-nos quanto à data da tradução de Eugène, terá sido anterior a 1912? E a ser assim, poderá concluir-se que foi a tradução para português, da autoria de Maria Clara Correia Alves, que faz assinar na versão portuguesa, a autoria do texto com o nome Ida Altmann-Bronn? Essa é uma questão que esperamos poder esclarecer em trabalho futuro.

Mas, afinal, de que fala o texto? Da educação das crianças e jovens nas famílias livres-pensadoras. Aqui enuncia-se um conjunto de princípios sobre o comportamento dos mais novos (Cf. imagens 5 e 6). Veja-se o primeiro de todos: “Para conservar a vida e a saúde torna-se indispensável [sic] a ordem e a pureza em tudo que diga respeito ao corpo e espírito [sic], devendo ser sobrios [sic] na comida e na bebida e entregando-nos ao trabalho e ao recreio com prudência [sic] e moderação”.

Imagem 5 – Primeira página, enunciação dos princípios.



Fonte: Associação do Registo Civil e do Livre-Pensamento.

Imagem 6 — Segunda página, continuação da enunciação dos princípios.

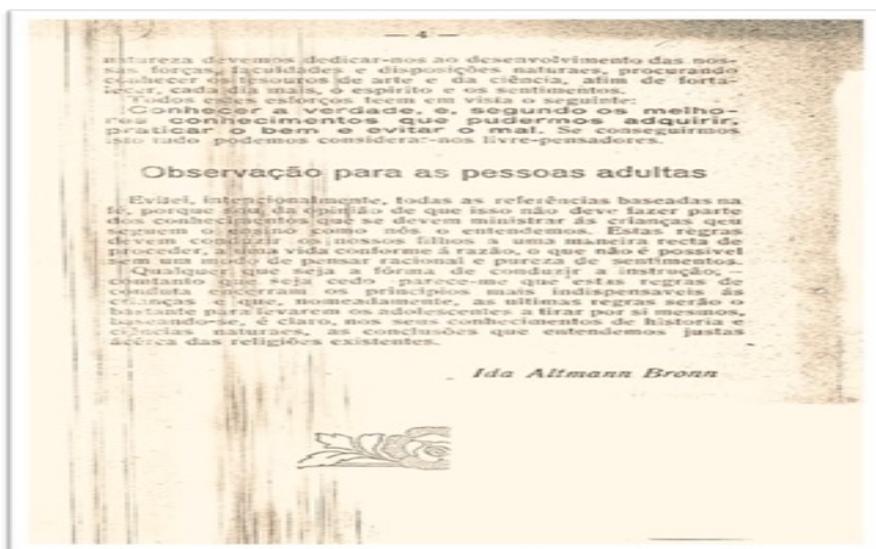


Fonte: Associação do Registo Civil e do Livre-Pensamento.

Apela-se ao respeito e amor pelos pais (2º- “Amemos e respeitemos nossos paes [sic] [...]”; e (3º- Obedeçâmos-lhes [sic], convencidos de que eles [sic] só querem o nosso bem [...].”; à obediência aos professores: “5º- Depois dos pães [sic] respeitemos os professores; tambem [sic] lhes somos muito gratos pelos conhecimentos uteis que nos dão. Manifestêmos-lhes [sic], pois, o nosso reconhecimento pela bôa [sic] conduta dentro e fóra [sic] da escola e pela nossa aplicação e assiduidade”; à atenção para com o país/a pátria, e ao espírito de Paz perante as outras nações (12º- “Comquanto [sic] amemos mais profundamente a nossa patria [sic] natal que os países estrangeiros (porque a natureza e o habito [sic] a isso nos incitam) no entanto devemos desejar aos outros países todo o bem possível: paz, conforto e progresso.”); exorta-se ainda ao amor à Natureza e seres vivos:

13º - Vemos a natureza inteira actuando [sic] segundo as leis eternas e imutaveis [sic] ao lado de tantas coisas uteis [sic] á [sic] nossa conservação (animaes [sic], plantas, agua [sic], etc) e tantas outras cuja beleza e encanto nos deslumbram. Tudo isso nos ensina a considerar a natureza com amôr [sic], testemunhando-lhe o nosso reconhecimento, não destruindo coisa alguma, nem prejudicando nada voluntaria [sic] e impensadamente. Devemos amar e admirar tudo que é belo, grande ou pequeno: a flôr [sic] como a paisagem da montanha, e tratar com simpatia tudo o que vive”. (...) “Paralelamente com o exercício do trabalho e o goso [sic] da natureza devemos dedicar-nos ao desenvolvimento das nossas forças, faculdades e disposições naturaes [sic], procurando conhecer os tesouros de arte e da ciência, afim [sic] de fortalecer, cada dia mais, o espirito [sic] e os sentimentos.

Imagem 7 — Contracapa: finalização dos princípios e indicação de autoria de Ida Altmann-Bronn.



Fonte: Associação do Registo Civil e Livre-Pensamento.

O texto das *Regras* sintetiza, no último parágrafo, as linhas diretivas do Livre-Pensamento: “Todos estes esforços teem [sic] em vista o seguinte: **conhecer a verdade, e, segundo os melhores conhecimentos que pudermos adquirir, praticar o bem e evitar o mal** [negrito do texto original]. Se conseguirmos isto tudo podemos considerar-nos livres-pensadores”.

Nesse sentido, a educação racionalista que Altmann-Bronn propõe deixar clara a forma como a questão da religião é tratada:

Evitei, intencionalmente, todas as referências baseadas na fé, porque sou da opinião de que isso não deve fazer parte dos conhecimentos que se devem ministrar ás [sic] crianças que [sic] seguem o ensino como nós o entendemos. Estas regras devem conduzir os nossos filhos a uma maneira recta [sic] de proceder, a uma vida conforme á [sic], o que não é possível sem um modo de pensar racional e pureza de sentimentos.

Uma leitura atenta permite-nos compreender que a religião é excluída das *Regras* e da educação racionalista. Desconhecendo se o texto original emprega o termo fé ou opta por religião, consideramos que, independentemente desse detalhe, o que salta à vista é a rejeição do dogma em sentido lato, mas também no que à religião diz respeito. Mas esses foram pormenores que escaparam aos censores.

Não há semelhança ideológica com projeto de educação do regime salazarista (criação da Mocidade Portuguesa, instituição do Livro Único para cada disciplina, inserção de textos de conteúdo vincadamente ideológico e a desvalorização da carreira docente), contudo encontra-se aqui uma (aparente) confluência de discursos: os manuais escolares do Estado Novo apelavam à obediência a pais e professores; ao respeito pelos mais velhos; às virtudes do trabalho, e ao amor pelo campo e pela Natureza, assunção da pobreza alegre, honrada e submissa como pilares para a formação das gerações futuras. Mas o discurso sobre a pátria tem pendor nacionalista com padrões morais de exaltação da glória nacional e do colonialismo, do chefe e do sistema político vigente, ligado profundamente ao Catolicismo (nomeadamente no culto “mariano”, alicerçado nas “Aparições de Fátima, em 1917), num discurso de gênero contrário às tendências emancipatórias da Mulher na Primeira República.

As *Regras* abordam conceitos morais/éticos (aparentemente) genéricos: o respeito pelos outros, a sobriedade ou a valorização do trabalho que não mencionam explicitamente, mas permitem deduzir o laicismo e a libertação das mulheres, causas caras ao Livre-Pensamento. E eis como dois mundos se tocam. No ocaso de um e no alvorecer de uma nova realidade para a Europa – e para os outros continentes.

Encontro marcado, Lisboa, 1913: o XVII Congresso do Livre-Pensamento

Os congressos internacionais que virão a ser organizados pela Federação Internacional do Livre-Pensamento (FILP) haverão de marcar presença em vários países da Europa até 1913 (exceção para Buenos Aires, em 1906), integrando militantes socialistas, anarquistas, pacifistas, em número crescente, atingindo milhares de participantes, incluindo os delegados de diversos países. Na rota da Federação Internacional, encontramos Bruxelas, Paris, Londres, Amesterdão, Antuérpia, Madrid, Genebra, Roma, Praga e Munique. Em 1913, será Lisboa o palco do último congresso da Federação. Eugène Hins, o seu secretário-geral, encontra-se em Lisboa, no congresso organizado por Magalhães Lima (1859-1936), que representou Portugal em eventos anteriores, como em Roma e Paris. Em março de 1913, a imprensa periódica já dava conta do programado encontro internacional apesar de as datas terem sido ligeiramente alteradas, pois o seu início deu-se a 4 e não a 6 de outubro como aí se divulgava. O congresso coincidiu com a terceira comemoração da proclamação da República, 5 de outubro de 1910. Como se pode ler no semanário republicano radical *O Domingo*, (Cf. imagens 8, 9 e 10):

[...] por ocasião desses grandiosos festejos serão postas à discussão as seguintes teses: a lei portuguesa, seus resultados políticos e modificações de que precise – qual o modo de realizar uma educação racionalista, única compatível com o Livre Pensamento – O Livre Pensamento e a questão social” (*O Domingo*, 1913).

Imagem 8 — Semanário republicano radical *O Domingo*.



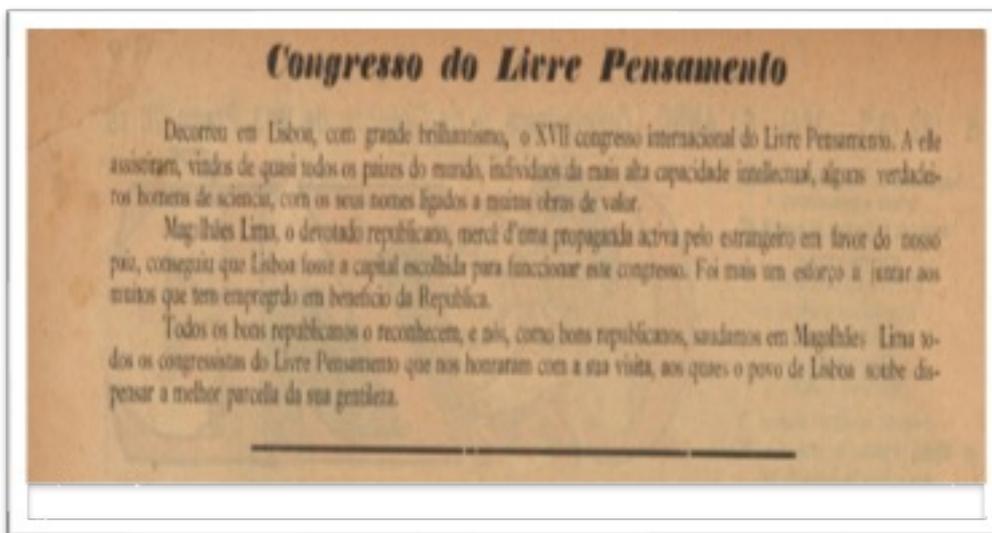
Fonte: Semanário *O Domingo*.

Imagem 9 — Capa do dia 9 de outubro de 1913, nº 152, 6º ano, p. 1.



Fonte: Periódico *O Zé*.

Imagem 10 — Detalhe da notícia de capa.



Fonte: Periódico *O Zé*.

Como em congressos anteriores, as mulheres marcaram presença e, para além da tese apresentada por Maria Clara Correia Alves, a Liga Republicana das Mulheres

Portuguesas organizou um encontro, no dia 4, presidido por Magalhães Lima, no Teatro República (atualmente São Luiz). No dia 4, o *Diário de Notícias* (DN) anunciava debaixo do título “Congresso do Livre-Pensamento” a chegada a Lisboa de diversos congressistas oriundos de vários países.

A fotografia que aqui reproduzimos (Cf. imagem 12) mostra Maria Clara Correia Alves junto com o Dr. Magalhães Lima acompanhando os congressistas recém-chegados a Lisboa; o programa anunciava as iniciativas a ter lugar quer nos Passos do Concelho, recepção na Câmara Municipal de Lisboa, e às 14h, sessão de homenagem promovida pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, no Teatro da República, às 22h haveria fogos de artifício no Parque Eduardo VII.

Imagem 11 — Congresso do Livre-Pensamento, imagem onde se vê Maria Clara Correia Alves (4 de outubro de 1913).



Fonte: *Diário de Notícias*.

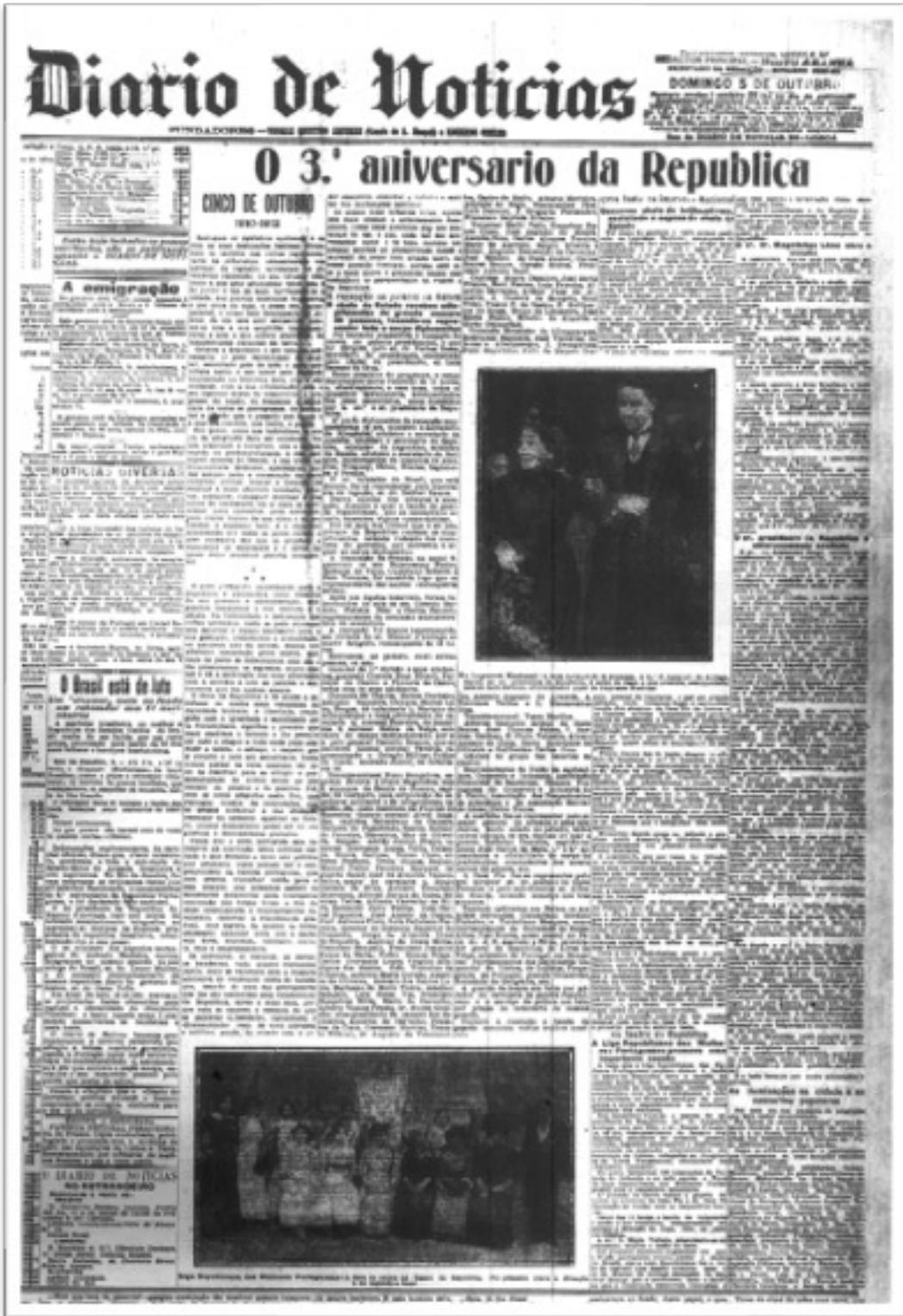
O DN, 5 de outubro, alude aos eventos do dia anterior, dando relevo ao motivo das manifestações, a celebração do 3º aniversário da República (Cf. imagem 12) que coincidiu com o dia de abertura dos trabalhos do Congresso e relatando que houve uma recepção no Palácio de Belém, descreveram pormenorizadamente os festejos (Cf. imagem 13).

Imagem 12 — Fotografia da Liga das Mulheres Portuguesas.



Fonte: *Diário de Notícias*.

Imagem 13 — Capa do dia 5 de outubro de 1913.



334

Fonte: *Diário de Notícias*.

Dentre a imprensa periódica, naquela em que encontramos maior “cobertura” do evento, foi o *DN* ocupando ainda a primeira página no dia 7 de outubro de 1913, permitindo-nos comprovar que, além de terem partilhado ideais e estado envolvidos no mesmo texto, Ida Altmann-Bronn, Eugène Hins e Maria Clara Correia Alves encontraram-se pessoalmente (Cf. imagem 14).

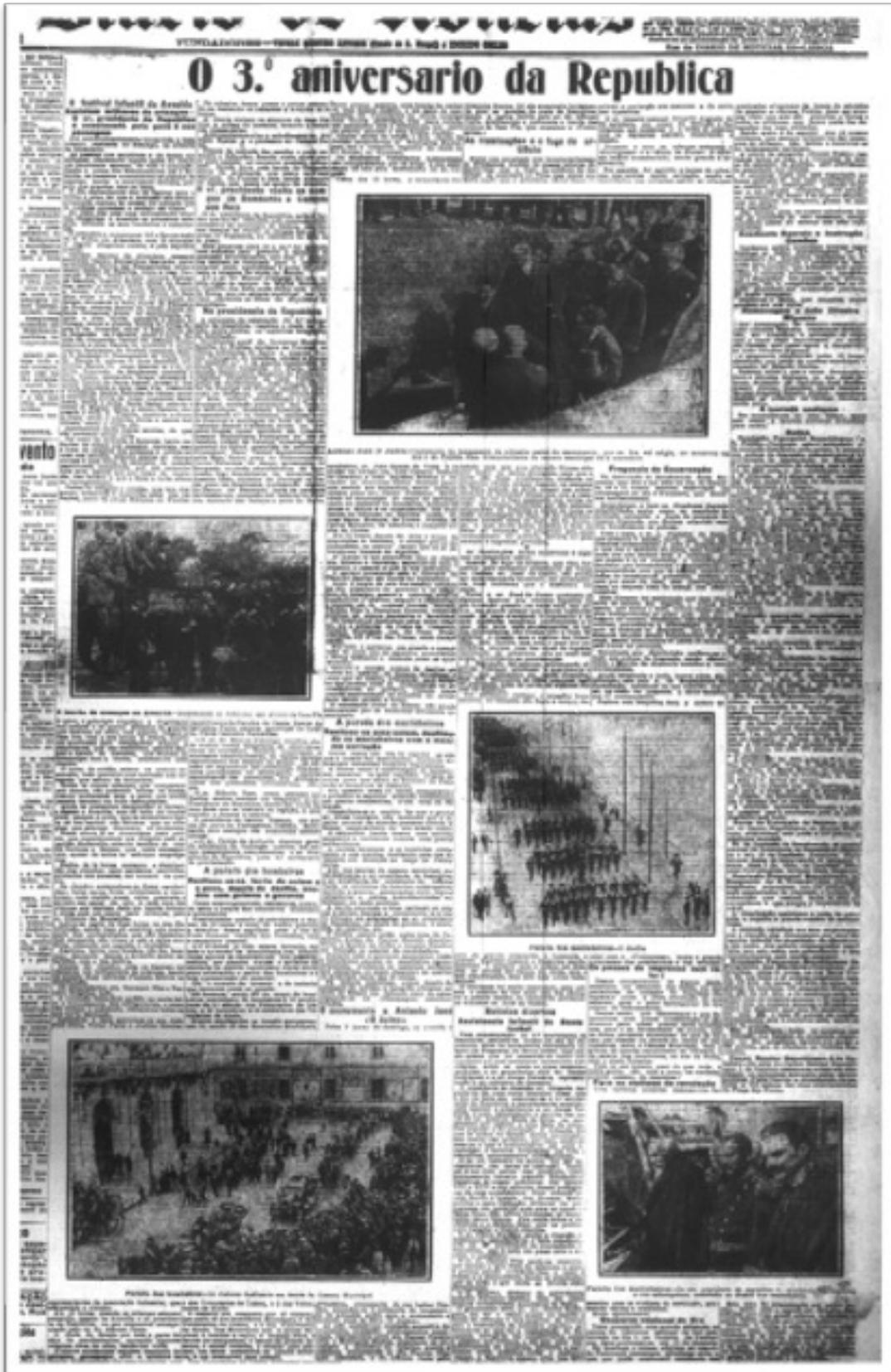
Imagem 14 — Sessão inaugural.



Fonte: *Diário de Notícias*.

Pela notícia, comprova-se ter sido a sessão inaugural na Sala Portugal da Sociedade de Geografia, presidida pelo Dr. Magalhães Lima, e secretariada, entre outros, por Eugène Hins, o qual, que tomando a palavra, (e passamos a citar) “pronunciou um discurso veemente contra o clericalismo que tem feito contramarcha ao Livre-pensamento. É necessário que se trave uma batalha constante em todos os campos.” Um pouco mais adiante se pode ler “Madame Altmann Bronn apresentou as suas saudações ao Congresso e à república e leu uma carta do seu compatriota o sábio Ernesto Haeckel” [...] o deputado senhor Adolfo Hoffman pôz em foco a caracter de generosidade da Revolução portuguesa e relatou a marcha do livre pensamento germânico” (*Diário de Notícias*, 7 outubro, 1913).

Imagem 15 — Continuação da capa no dia 7 de outubro 1913.



336

Fonte: *Diário de Notícias*.

No mesmo jornal, relata-se a recepção no Grande Oriente Lusitano, presidida pelo Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, tendo sido pronunciados discursos de saudação, entre eles o de Eugène Hins (pelo Grande Oriente Belga). Conforme o programa, a segunda sessão, em 6 de outubro, na Sociedade de Geografia de Lisboa, na sala Portugal, foi presidida por Eugène Hins e teve como ponto central a discussão da separação do Estado e das Igrejas, atestando, no caso português, e nesta sessão temos notícia, pela mesma fonte, que Maria Clara Correia Alves fez uma saudação ao Congresso e à Junta Liberal do Livre-Pensamento que o organizou (*Diário de Notícias*, 1913, 7 de outubro de 1913).

Já no dia 8 de outubro de 1913, são discutidas as teses “a moral na escola” e “a questão social e o Livre-Pensamento” (*Diário de Notícias*, 8 de outubro de 1913).

No dia 9 de outubro (Cf. imagem 16), é relatado o encerramento do congresso e demais homenagens tendo ficado deliberado que o próximo congresso decorreria em Praga, assunto que ficou a cargo de Eugène Hins e não tendo sido aprovada, entre outras, a proposta de Hoffmann para que o próximo congresso, de 1915, tivesse lugar em Hamburg. A reportagem jornalística dá finalmente conta da partida dos congressistas (*Diário de Notícias*, Lisboa, 9 de outubro de 1913).

Imagem 16 — Notícia do encerramento do Congresso no dia 9 de outubro de 1913.



Fonte: *Diário de Notícias*.

Como que a antecipar ou a compreender o clima internacional, os temas da Paz e do desarmamento constituem temas de discussão, aplaudidos entusiasticamente por alguns, mas vistos com reserva por outros Livres-Pensadores, que não abdicam da ideia de pátria ou, até, de nacionalismo. Os socialistas, como o próprio secretário-geral da FILP, são cada vez mais hostilizados. Eugène Hins, internacionalista, além de socialista, faz, em Lisboa, um apelo para evitar o desvio do racionalismo, a questão considerada essencial. As dissensões agravam-se. Os Congressos da Federação demonstram como, sob o mesmo «guarda-chuva» do Livre-Pensamento, se juntam famílias políticas distintas.

As diferenças que separam Livres-Pensadores e o crescendo das tensões internacionais explicam o «canto do cisne» da Federação, após o congresso na capital portuguesa. A Primeira Guerra Mundial que começa no ano seguinte irá ditar os destinos da Europa – e, neste quadro, a Revolução Russa, que dispara em 1917. Apesar da sombra do conflito, o racionalismo laicizante dos Livres-Pensadores influencia ações e decisões políticas em vários países. Mas a radicalização de tendências, nos anos 30, a ascensão dos movimentos fascistas, sob as suas diferentes formas no continente europeu, e, em particular, o Nazismo, levam o mundo a um novo conflito mundial e o quadro dos grupos políticos reorganiza-se nesse novo mundo profundamente conturbado.

Resulta claro que em Portugal, o documento em análise, junta essas figuras, em 1913, o que nos foi trazido por via da tradução publicada pelo Registro Civil (1932), levando-nos à conclusão de que as Humanidades Digitais estão, para a era tecnológica, como a educação racional estava para o início do século XX. Mesmo antes de cessar a Primeira Guerra Mundial, foi aprovada a lecionação de aulas de história moral e religiosa, solicitada em 1917, em substituição às “clássicas” aulas de religião. A autorização viria só após o final da guerra, corria o ano de 1919, altura em que a *Comunidade Religiosa de Berlim* inaugura um período assinalável, organizando, para os jovens, aulas abordando ciências da vida a par das clássicas aulas de religião.

Em 2020, comemorou-se o centenário dessa conquista, devida, em muito, a Adolph Hofmann, abrindo caminho para uma proposta alternativa a que hoje chamaríamos *Humanistic Life Studies* que podemos compaginar com as HD e pondo fim a séculos de influência da Igreja sobre a Educação. Esse centenário faz também jus à concepção partilhada por Ida Altmann-Bronn e Maria Clara Correia Alves que, por diversas vezes, se assumiram ao longo das suas vidas como livres-pensadoras pugnando pelos conceitos da dignidade humana e pela necessidade de uma alternativa para uma questão que na educação, até então, tinha sido assumida como um dogma.

Lembrando a nota final das *Regras*, pese embora a diferença, aquelas a que, atualmente, chamamos Humanidades Digitais pretendem, a um só tempo, recuperar um ciclo, o qual, pelo livre acesso, permite um canal de comunicação que se quer mais plural e democrático.

Um século volvido, a visão das figuras que vimos trabalhando ou acerca das quais elaborámos as presentes análises são resgatadas em virtude de estarem disponíveis. Não deixa de ser uma boa ocasião para resgatar um período da História recente à luz de

novas ferramentas digitais. No fundo, é criar um instrumento para que um autodidata tenha acesso às várias concepções, colocando em prática um modelo assente na escolha e na alternativa, ao invés do modelo único e da partilha já tão em voga na altura em que a tradução portuguesa das *Regras*, de Ida Altmann, chega à versão portuguesa, já contrariando a visão de “sebenta”, num alinhado quadro disciplinar. Questões que ainda hoje estão em aberto representando fraturantes zonas do ensino na educação e que a criação de novas disciplinas, com a valorização de aspectos como os da inclusão, tornam público pela abordagem dos tópicos associados à cidadania, em linha com a educação racional que, em 1913, já estava na agenda do Livre-Pensamento, tal como Horst faz notar no ensaio “*Humanismus als Kultur*” (2016, p. 25-26).

Regras de Conduta Para os Filhos dos Livres-Pensadores: encontros e intersecções pela escrita, pelo pensamento em torno da educação - o lugar e o legado

O livre-pensamento é a marcha da história através dos séculos. É o culto definitivo do homem sobre todas as suas superstições. Mas não basta uma pessoa dizer-se livre-pensador para o ser. É preciso praticar o livre-pensamento (Magalhães Lima)¹⁸

Aqui chegados, temos uma produção dos círculos do Livre-Pensamento, exibindo o símbolo da Associação do Registo Civil (Cf. imagem 17).

Imagem 17 — Capa dos Estatutos.



Fonte: Associação de Registo Civil e Livre-Pensamento.

¹⁸ Conferência de Magalhães Lima no Centro Magalhães Lima.

Tudo estaria contextualizado num opúsculo, se a data de edição, o ano de 1932, não fosse exibida. Tal como o carimbo «visado pela Comissão de Censura».

Estamos, então, na véspera da Constituição de 1933, aquela que consagrará o Estado Novo, após o golpe de 1926, o qual impôs a Ditadura Militar. A censura é, nesse cenário, uma realidade. Como se sabe, logo após o 28 de maio, o sistema ditatorial hostiliza tudo quanto esteja ligado à Maçonaria, incluindo a própria cultura republicana e o laicismo. Contudo, nesse caso, o conteúdo impõe-se de tal modo perante a forma que o opúsculo passará como inócuo – a Lei que irá impor o fim das sociedades secretas será constituída em 1935 (Lei nº 1901, de 21 de maio de 1935). Para já, porque os censores da década de 1930 desconhecem os nomes de Ida Altmann e de Eugène Hins. A própria Maria Clara Correia Alves faz uma das suas últimas intervenções conhecidas em 1922 – isto é, dez anos antes –, durante o Congresso Mundial de Educação Popular, promovido pela Universidade Livre, em abril desse ano. Nessa ocasião, a professora, ativista e jornalista fala acerca da função das cantinas escolares, apelando à luta pela reabertura das que, por falta de meios, se encontram fechadas, bem como à criação de novas cantinas nos círculos escolares onde estas não existam.

Convergências em direções opostas: o resgate de três livres-pensadores em Lisboa 2020/3

Assim sendo, e considerando o conceito de camadas editoriais descrito por Spina (1977, p. 86), as *Regras de Conduta para os Filhos de Livre-Pensadores* são tratadas aqui como um estudo de caso, uma vez que analisamos um texto que começa por ser manuscrito, por Ida Altmann Bronn (1862-1935), no século XIX, que escreve em alemão, e cuja tradução para o francês foi feita obrigatoriamente antes de 1923, uma vez que o Eugène Hins (1839-1923) da tradução faleceu nesse ano; posteriormente, registramos a tradução do francês para o português pela mão de Maria Clara Correia Alves (1869-1948). As versões traduzidas permitiram ao texto passar de manuscrito a datilografado, foi depois sujeito a composição, paginação e impressão tipográfica com logotipo trabalhado em xilogravura, e ostentando o licenciamento por parte da Comissão de Censura.

Um dos exemplares impressos foi arquivado no AHS e desse exemplar se fez fotocópia pelo processo de eletrofotografia (captação pela luz) e de impressão a tinta no suporte papel por ação do calor e da pressão. Já entrados no século XXI, assinalamos a passagem do analógico para o digital e a transcrição feita por computador. Assim, de um manuscrito único, se passou no século XX aos 10.000 exemplares (desconhecemos se houve lugar a reimpressão) e no século XXI à transposição para o formato digital que tornamos pública com o presente artigo. Assim, cumprindo o ciclo das Humanidades Digitais: recolha, tratamento e distribuição em livre acesso em suporte digital. Libertado o documento original do manuscrito, uma vez preservada a cópia, asseguramos aqui, pela primeira vez, a sua consulta facilitada pela publicação numa revista científica

“online” e em livre acesso. Por outro lado, faz-se notar que do original em alemão, a tradução francesa amplifica o conhecimento, o mesmo sucedendo com a tradução para português e, agora, a disponibilização em formato digital, *online* e em livre acesso permitirá um universo de interessados calculado, atualmente, em 273 milhões e estimados em 500 milhões de falantes até ao final do século XXI. Não será despiciente que por força das ferramentas computacionais estará disponível para tratamento em TEI, XML, e traduzido para outras línguas, permitindo-lhe alcançar a universalidade.

Uma vez feito o périplo pelas diversas instâncias sugeridas pela localização da versão portuguesa de um original escrito em 1895, por Ida Altmann-Bronn, pudemos simultaneamente ilustrar alguns aspectos menos conhecidos do leitor da era tipográfica, resgatando, por via digital e das novas tecnologias, pensamento e obra de figuras de relevo nacionais e internacionais, como as de Adolph Hofmann, porventura o menos lembrado no presente. Porém cabe aqui ressaltar uma não menos surpreendente participação na linha da frente assumida em todos os sentidos factual e documentalmente provada por parte das mulheres Livres-Pensadores do início do século XX.

Maria Clara Correia Alves que, em Portugal, ainda não mereceu a devida biografia, lacuna que, certamente, virá a ser colmatada pelo resgate facilitado com ferramentas do século XXI, que as Humanidades Digitais acarretam a produção de conhecimento científico, aliada ao interesse crescente pela autoria feminina.

Estamos em dois momentos muito distintos que foram resgatados pela via da alteração da língua (o paradigma cultural predominante nos séculos XIX e início do século XX) do francês vão-se transmutando para o inglês, o que não implica que, num futuro próximo, em face do número expressivo de falantes da língua portuguesa e/ou chinesa possa vir a inverter-se ou alterar-se substantivamente o panorama com que nos confrontamos. De onde cada vez mais o aprimorar das ferramentas de tradução disponíveis em fonte aberta à comunidade acadêmica, científica e usuários em geral, seja mais do que desejável, urgente.

Quanto ao conteúdo do documento, torna-se ainda mais premente a sua análise e estudos em face da designada “iliteracia digital”, ou inclusão nas tecnologias digitais, sobretudo em determinadas coordenadas geográficas e etárias, que chegam a casos extremos como os jovens “Hikikomori” (síndrome do isolamento em casa), mas que, como em tudo, nos deverá levar a uma profunda reflexão de um uso apropriado dos diversos meios que os sujeitos têm à sua disposição. É uma preocupação, mas fechamos como começamos: a tecnologia não é boa, não é má, mas também não é neutra, cumpre-nos a missão de desocultar dilemas passados que possibilitem a disseminação da massa crítica e para que à luz dos Direitos Humanos, a cada um de nós, não seja negado o direito à Educação como consignado na “magna” carta (Declaração Universal dos Direitos Humanos), em cujo preâmbulo se afirma “que o reconhecimento da dignidade de todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo” (ONU, 2020). Assim, deixamos aqui, com o presente texto, um exemplo do que refletimos e referimos... A combinatória de duas expressões que definem o avanço:

“World Digital” (mundo digital) e “Library Home” (a biblioteca em casa). É o Futuro resgatando o Passado e fazendo-se Presente, trazendo protagonistas femininas para o lugar que sempre foi seu, afinal, como anunciado no título do nosso ensaio: *two out of three ain't bad*.

Referências

3º ANIVERSÁRIO DA REPUBLICA. *Diário de Notícias*, Lisboa, 07 de outubro de 1913. Colunas 4-5.

ALTMANN, Ida. *Leitsätze für die Kinder von Freidenkern und Freireligiösen*. Disponível em: < <http://www.diesseits.de/aktuelle-ausgabe/1476482400/unrecht-vergessen> >. Acessado em: 2 de ago. 2020.

ALVES, D. As humanidades digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. In: *Ler História*, v. 69, p. 91-103, 2016.

ALVES, Maria Clara C. *Féminisme (toujours et encore)*. Lisboa: Imprensa de Manuel Lucas Torres, 1916.

BERRY, David M.; FAGERJORD, A. *Digital Humanities – Knowledge and Critique in a digital age*. Cambridge: Polity Press, 2016.

BISPO, A. A. Perspetivas católico-francesas: Cientismo evolucionista como causa do “pangermanismo” e retrocesso ético-cultural – Paul Bourget (1852-1935) contra Ernest Haeckel (1834-1919) – Reflexões em Obernai – Alsácia. *Revista Brasil-Europa – Correspondência Euro-Brasileira*, 120/10, nº 4, 2009. Disponível em: <<http://www.revista.brasil-europa.eu/120/Haeckel.html>>. Acessado em: 4 de ago. 2020.

CANCIK, H.; GROSCOPP, H.; WOLF, Frieder Otto (org.). *Humanismus: Grundbegriffe*. Berlin, Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2016.

CASTELLS, M. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, A Sociedade em Rede – vol. 1*. São Paulo, Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 2002.

CASTELLS, M. *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CASTELLS, M. *A Era da Informação: O poder da identidade – vol. 2*. São Paulo, Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 2018.

CONGRESSO DO LIVRE-PENSAMENTO. *Diário de Notícias*, Lisboa, 04 de outubro de 1913. Colunas 5-8.

CONGRESSO INTERNACIONAL DO LIVRE-PENSAMENTO. *Diário de Notícias*, Lisboa, 08 de outubro de 1913. Colunas 4-5.

DELIZEE, A. GORTCHANINA, O. Eugène Hins, un regard éclairé sur la Russie. In: *Traductrices et traducteurs belges*. Portraits réunis par Catherine Gravet, Université de Mons, Publisher: Université de Mons, Editors: Catherine Gravet, p.151-182, 2013. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/276411113>>. Acessado em: 2 de ago. 2020.

ENCKELL, M. e SNEYERS, H. “Notice HINS Eugène” [Dictionnaire des anarchistes]. Disponível em: <<https://maitron.fr/spip.php?article153738>>. Acessado em: 4 de ago. 2020.

ESTEVES, J. Alves. Maria clara Correia.. In: NÓVOA, A. *Dicionário de educadores portugueses*. Porto: ASA, 2003, p. 79-80.

GAIDO E FRENCIA, A Clean Break: Clara Zetkin, the socialista women’s movement, and feminism. *International critical Thought*, v. 8, 2018, p. 277-303. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21598282.2017.1357486> >. Acessado em: 10 de ago. 2020.

GROSCHOFF, HORST. *Ausgewählte deutsche freidenker – ein alphabetische Bibliobiographie 2011-2020*. Disponível em: <http://www.horst-groschopp.de/ausgewaehlte-deutsche-freidenker-eine-alphabetische-bibliobiographie/?fbclid=IwAR3ogF59xUtBoSNtf9IbQBMXkl6pHGJBzI9EJZKo9miOFtJnpHCu-XnPddM>. Acessado em: 10 de ago. 2020.

HOCKEY, S. The history of humanities computing. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R. e UNSWORTH, J. *Companion to digital humanities*. Oxford: Blackwell, 2004.

JENKINS, H.; ITO, M.; BOYD, D. *Participatory culture in a network era – a conversation on youth, learning, commerce, and politics*. Cambridge: Polity Press, 2016.

KLEIN, Lauren F. and GOLD Matthew K. “Digital Humanities: The Expanded Field”. In: NYHAN, Julianne. TERRAS, Melissa. *Debates in the Digital Humanities*. London: University of Minnesota Press, 2016.

LALOUETTE, Jacqueline. *La République Anticléricale XIXe-XXe siècles*. Paris: Seuil, 2014.

LEÃO XII, PAPA. *Rerum Novarum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>. Acessado em: 4 de ago. 2020.

LÉVY, P. *Cyberculture – La sphere sémantique*. London: Ed. University of Minnesota Press, 2001.

MCCARTY, W. *What is Humanities Computing? Toward a definition of the field*. California: Stanford University, 1998.

MCCARTY, W., “Humanities Computing”. In: *Encyclopedia of Library and Information Science*. New York: Marcel Dekker, 2003, p.1224-1235.

MCLHUAN, M. *A Galáxia de Gutenberg – a formação do homem tipográfico*. São Paulo, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

NYHAN, Julianne. TERRAS, Melissa. VANHOUTTE, Edward. *An introduction of Defining Digital Humanities – a Reader*. England: Ashgate Publishing Limited, 2013.

OLIVEIRA MARQUES, V. A. H. *Nova história de Portugal*. Lisboa: Presença, 1991, p.598-599.

OMC – Organização das Mulheres Comunistas (org.). *Clara Zetkin e a Luta das Mulheres: uma atitude inconformada, um percurso coerente*. Lisboa: Edições Avante, 2007.

ONU – Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf?fbclid=IwARoihmE4jvo-XfUIV_5-J5H1TXyfYbVpvFLbO4hBGnlwuyhi6UDSY1MfRk>. Acessado em: 10 de ago. 2020.

ORLANDI, T. Is Humanities Computing a Discipline? In: BRAUNGART G.; EIBL, K. JANNIDIS, F. (org.). *Jahrbuch für Computerphilologie*. Paderborn: Mentis Verlag, 2002, p. 51-58.

SCHMIDT, Michael. Zu Unrecht vergessen. *Diesseitsde das Humanistische Magazin*, 15 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.diesseits.de/aktuelle-ausgabe/1476482400/unrecht-vergessen>>. Acessado em: 2 de ago. 2020.

SCHREIBMAN, Susan. SIEMENS, Ray. UNSWORTH, John. *Companion to Digital Humanities*. Oxford: Blackwell, 2004.

SPINA, S. *Introdução à Edótica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1977.

STOLS, E. Lés étudiants brésiliens en Belgique (1817-1914). *Revista de História*, São Paulo, v. 50, nº 100, p. 692-693, 1974. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132650>>. Acessado em: 4 de ago. 2020.

TERMINOU ONTEM O CONGRESSO INTERNACIONAL DO LIVRE-PENSAMENTO. *Diário de Notícias*, Lisboa, 09 de outubro de 1913. Colunas 6-8.

VAZ, Luís Gonçalves. *A Associação do Registo Civil e Livre-Pensamento*. of. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Humanas e Sociais) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Nova de Lisboa.

VAZ, Luís. *Clericais e Livres-Pensadores – o Grande Confronto (1895-1937)*. Lisboa: Grémio Lusitano, 2002.

Recebido em 29/11/2022.

Aceito em 08/05/2023.